



PESQUISA E EDUCAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UMA CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL¹

RESEARCH AND EDUCATION OF GEOGRAPHY PROFESSORS: A LOOK AT THE THEORY OF THE SOCIAL REPRESENTATION

José Maria Leite Botelho

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: jbotelho@unir.br

Ana Maria de Lima Souza

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: jbotelho@unir.br

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma experiência de pesquisa, planejada como atividade didática, com objetivo de coletar informações sobre o ensino escolar da geografia, a fim de subsidiar a elaboração de projetos para serem realizados pelos acadêmicos no período de estágio supervisionado da disciplina Prática de Ensino de Geografia II, do curso de Geografia, da Universidade Federal de Rondônia. Participaram da pesquisa 109 alunos do ensino médio de uma escola pública na cidade de Porto Velho, Rondônia. O estudo buscou identificar as percepções dos alunos em relação à ciência geográfica, como a percebem no dia a dia, e; suas expectativas em relação à sua aprendizagem. A análise dos dados permitiu observar que os pesquisados apresentaram: a) percepções diferentes sobre o conceito de geografia; b) clareza no entendimento de como a percebem no cotidiano; c) críticas sobre o processo de ensino atual, e; d) perspectivas sobre como gostariam de estudar essa disciplina. O artigo traz reflexões a respeito da contribuição da pesquisa, como recurso científico e didático no processo de educação de professores; ressalta a relevância da abordagem da representação social na prática de pesquisa docente como possibilidade de identificação das dificuldades de ensino e de aprendizagem, das distorções na aprendizagem sob a perspectiva do próprio aluno no decorrer do processo de ensino, permitindo a identificação de caminhos para vencê-las. Ressalta também a contribuição dessa abordagem na identificação e análise de questões sociais e de problemas socioambientais, entre outros, e como um recurso indispensável para a melhoria da prática docente.

Palavras-chaves: Pesquisa e educação de professores; representação social; ensino de geografia.

ABSTRACT

Our article resulted from a research, planned as didactic activity. The aim was to collect information on geography education in schools in order to subsidize the elaboration of projects to be carried by university students in their supervised classes for the Practical of Education in Geography II, a course of Geography degree at Federal University of Rondônia. The studies identifies the perceptions of students relating to geographic science. The analysis of the data allowed us to observe the following: a) different perceptions on the geography concept; b) clarity in the agreement of as they perceive it in the daily one; c) critical on the process of current education, e; d) perspectives on as they would like to study this discipline. The contribution of this work by identifying and analysing social matters and socio-environmental problems, we argue is relevant for our academic society. This should be an awareness of geography teachers and a way of improving geography teaching.

Keywords: research and education of teachers; social representation; teaching geography.

¹ Trabalho apresentado na 30.^a Semana de Geografia (2013) da Universidade Federal de Rondônia/UFRO.



Introdução

A reorganização da política econômica mundial sob o modelo neoliberal vem se prolongando com a mesma eficácia nesse primeiro quarto do Século XXI. A ampliação desse processo em diferentes escalas geográficas, de um lado, fortalece e dinamiza as estruturas do poder e, de outro, produz novas relações sociais de enfrentamento no mundo do trabalho.

Com a mesma astúcia, própria do capitalismo, a globalização da economia, sua mais recente forma de sujeição, ao mesmo tempo, que globaliza os processos produtivos, objetiva também globalizar os costumes e hábitos culturais das populações. Pela mesma via que obriga os Estados nacionais a engendrem formas de acomodação de seus sistemas produtivos, os impele a buscar alternativas de enfrentamento para lidar com o problema nos outros setores sociais, a exemplo dos sistemas educacionais nacionais.

No sistema educacional enfrenta-se o desafio de encontrar meios capazes de contornar as dificuldades geradas pelo processo de acomodação do capital. Na rede escolar e em suas unidades vive-se a expectativa de proporcionar educação e ensino de alto padrão, no qual se aninhe a perspectiva da educação pessoal, coletiva e profissional, todavia, essa é uma questão de maior amplitude que necessita ser discutida a partir de novas proposições para a educação de professores², principalmente no que se refere às práticas pedagógicas relacionadas à educação para pesquisa.

Ao propor, neste artigo, algumas reflexões sobre a prática da pesquisa como facilitadora da educação docente, argumenta-se a relevância da abordagem da representação social nesse processo. Argumenta-se ainda que este tipo de pesquisa quando utilizado na prática docente com o objetivo de obter respostas frente ao processo educativo, possibilita a identificação de dificuldades vivenciadas pelo professor e pelos alunos em seus processos de ensino e de aprendizagem. O texto está estruturado em: 1) Introdução 2) Ensino de geografia; algumas palavras; 3) A

² SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa e educação de professores. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs.). *Geografia em Perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.



pesquisa de representação social na educação de professores de geografia; 4) A Geografia na percepção dos alunos; 5) A percepção cotidiana da Geografia; 6) Perspectivas em relação à aprendizagem da geografia, e; Considerações finais.

Ensino de geografia: algumas palavras

O ensino da Geografia acadêmica no Brasil inicia-se na década de 1930 do século XX, deu-se sob forte influência da Geografia européia. Moura e Alves (2002 p. 302) enumeram como influenciadores da Geografia européia no Brasil, os seguintes fatores: a vinda de mestres e pesquisadores; o uso do material produzido, e; a estruturação dos cursos de graduação no modelo europeu.

Nessa linha, tanto o caráter político-ideológico quanto os aspectos positivistas perpassaram todas as fases pelas quais passou o seu ensino, principalmente na metodologia centrada no ato de decorar conceitos e informações, privilegiando a apresentação e o enaltecimento puramente aleatório dos aspectos físicos brasileiros. Como assinala Cavalcante (1998, p. 18), a função ideológica da geografia, “reaparece, mais tarde, quando o objetivo dessa disciplina é caracterizado como transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios.”

Com o enfraquecimento do modelo positivista e o crescimento do movimento de renovação crítico na Geografia, foram incorporadas diferentes concepções geográficas centradas na dialética marxista. Dessa forma, tais concepções também incorporaram o mesmo método e concebem o ensino como um processo de produção do conhecimento e pressupõe a relação teoria e prática como ponto de convergência e de equilíbrio.

Nesse processo, a ciência geográfica vem alcançando vertiginoso crescimento na produção da pesquisa, incluindo à relacionada ao ensino escolar. Todavia, os resultados da produção da pesquisa escolar da geografia não são facilmente incorporados ao ensino dessa disciplina no âmbito da escola. Há, ainda, uma certa distância entre os resultados das pesquisas geográficas e a sala de aula nos níveis fundamental e médio. Esse distanciamento, muitas vezes é gerado por fatores como o pouco ou a quase inexistência de relacionamento didático-acadêmico entre a universidade e a educação básica. Há também, por parte dos sistemas de educação estaduais, negligência em relação à institucionalização da pesquisa no âmbito



escolar. Tais fatores, em muitos casos, geram práticas docentes que se resumem a cumprir os dias letivos, o programa do curso, e repassar conteúdos, notadamente os apresentados no livro didático.

A adoção da pesquisa pelos sistemas de educação estaduais como prática docente, reconhecidamente como trabalho escolar, poderá ser um elemento transformador na educação continuada dos docentes que atuam na educação básica, principalmente se realizadas com objetivo de conhecer, além da própria realidade escolar, as percepções dos alunos sobre suas disciplinas, estabelecer correlações entre elas e seu campo prático de atuação, ou ainda, na perspectiva da produção de conhecimentos teóricos.

A pesquisa de representação social na educação de professores de geografia

A ideia de pesquisa centrada na imagem do cientista enclausurado num laboratório, pouco a pouco, vem sendo substituída pela figura do pesquisador presente no meio social e que busca neste as respostas de que necessita. Esse modo de pensar a ciência e o cientista tem sido influenciado pelas mudanças ocorridas na sociedade em diferentes escalas geográficas.

No Brasil, o movimento de reforma da educação brasileira iniciado pela Lei 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação, dado ao novo papel que a educação deve desempenhar neste século, reclama a inserção da atividade de pesquisa no processo de educação de professores. Essa prerrogativa vem, aos poucos, sendo sublinhada como uma atividade essencial no processo de educação e de formação de competências docentes. Como assinala Demo (1995, p. 53), “*o cerne mais palpável da competência está na pesquisa, compreendida não só como expediente de construção científica, mas igualmente como processo formativo*”.

Enquanto processo formativo, a atividade de pesquisa é, ao mesmo tempo, científica e educativa, pois ao permitir contato entre pesquisador e as situações da vida real que se apresentam no contexto escolar ou fora dele, proporciona encaminhamentos para a formação da autonomia intelectual docente, emancipando-o do modelo meramente transmissor do conhecimento livresco, permitindo-lhe atuar com maior desenvoltura.



Como mencionado em linhas anteriores, o modelo de educação brasileira atual clama por processos educativos docentes mais centrados em atividades de pesquisa como práticas pedagógicas em todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, verifica-se um aumento quanti-qualitativo de artigos e de outros trabalhos publicados em revistas científicas impressas ou em periódicos virtuais de divulgação, que de certa forma estimula a prática investigativa, além de elevar a autoestima docente.

Dentre os trabalhos disponíveis em revistas impressas e virtuais observa-se que, nas últimas décadas, muitos pesquisadores vêm utilizando em suas pesquisas a teoria da representação social como método de análise. Essa teoria, como proposta por Moscovici (2004), tem por objetivo identificar e analisar o pensamento de grupos de sujeitos ou de sujeitos em particular sobre temas relacionados, entre outros, às crenças, à cultura e valores.

Como assevera Lefebvre (1983), a representação social permite vislumbrar formas de abordagens para a compreensão do pensamento geográfico escolar de diferentes categorias de sujeitos. Nessa direção, Kimura (2008, p.133), afirma que “as representações feitas pelos homens, ao falarem do mundo do qual eles fazem parte, estão plenas de significados” que permitem entender melhor o imaginário social desses sujeitos.

Dessa forma, as representações sociais que os sujeitos têm da realidade se apresentam carregadas de cientificidade, importância didática e expressam fortes características culturais desses sujeitos. Esse entendimento, de acordo com Cavalcanti (1998, p. 32), permite perceber que “o estudo do conteúdo das representações dos alunos sobre geografia é um caminho para melhor conhecer o mundo vivido dos alunos, suas concepções e seu processo de construção do conhecimento”.

Na perspectiva da pesquisa com abordagem na representação social, considera-se que, sua importância no processo de educação e de ensino, esteja mais relacionada: a) a identificação da percepção que os alunos têm em relação à determinada situação ou evento geográfico; b) permitir um olhar docente mais crítico em relação aos problemas de ensino e de aprendizagem; c) possibilidade de comparar os conhecimentos e saberes geográficos dos alunos com os conceitos da ciência geográfica, buscando superar possíveis dicotomias; d) permitir a proposição



de atividades mais motivadoras com o propósito de dinamizar a prática docente, e; e) motivar sua própria formação continuada.

Na perspectiva da educação docente, a experiência que deu origem ao presente trabalho foi inicialmente planejada com objetivo de proporcionar aos acadêmicos da disciplina de Prática de Ensino de Geografia II, do curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, uma atividade de pesquisa na qual fosse possível coletar informações didáticas para elaboração de projetos de trabalho a serem realizados no decorrer do estágio supervisionado.

A coleta de dados foi obtida pela aplicação de um questionário com questões abertas a 109 alunos, selecionados por amostragem aleatória simples, sendo 42 do sexo masculino e 67 do sexo feminino, com faixa etária entre 14 e 20 anos de idade, estudantes do 1.º ao 3.º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Castelo Branco, localizada na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia. A escolha dessa escola como campo de pesquisa deu-se, entre outros, em função de: a) ser um estabelecimento de ensino bastante conceituado em matéria de educação e ensino; b) em retribuição à colaboração prestada por seus dirigentes aos acadêmicos do curso de Geografia nos momentos de vivência escolar naquele estabelecimento de ensino.

Como método de análise optou-se pela teoria da representação social uma vez que essa teoria é capaz de fornecer subsídios singulares para a identificação e análise do pensamento de grupos de sujeitos ou de sujeitos em particular sobre quaisquer elementos comuns ao grupo considerado.

A geografia na percepção dos alunos

Qual a percepção dos alunos sobre a Geografia? Essa questão configura-se de relevante importância para o processo de construção do conhecimento discente, uma vez que, em seus pronunciamentos estão presentes suas críticas e suas perspectivas a respeito da disciplina que estudam. Enquanto recurso didático essa atividade reveste-se também de especial importância para o trabalho docente, pois, ao conhecer o que os alunos conhecem ou pensam em relação à disciplina, possibilita redimensionar suas práticas.



A partir das respostas, foi possível identificar percepções diferentes sobre Geografia, demonstrando assim, posicionamentos pessoais e por grupos de alunos. As respostas foram categorizadas de acordo com o sentido geográfico atribuído. As categorias identificadas e a seguir descritas foram: Estudo do Planeta e dos Aspectos Físicos da Terra (35,97%); Estudo da Atualidade (22,89%); Estudo do Meio Ambiente (17,44%); Estudo da População (16,35%); Estudo do Espaço (13,08%); Estudo do Universo (7,63%), e; Estudo da Cidadania (5,45%).

A Geografia, no sentido de Planeta e de seus Aspectos Físicos foi relacionada como a ciência que estuda a Terra em seus aspectos físicos, o meio geológico, as estruturas e o comportamento físico – como as várias formas e aspectos do relevo; as florestas; os recursos hídricos e as bacias hidrográficas; os oceanos e os continentes e as regiões; o ar, a temperatura, os climas, os fatores climáticos e meteorológicos.

É importante notar que, embora os alunos tenham demonstrado uma considerável diversidade perceptiva em relação à ciência geográfica, a uma visão geográfica preponderante ainda está relacionada a uma ciência que tem no estudo dos aspectos físicos o seu ponto central de atuação. Esses aspectos podem favorecer a manutenção de um modelo tradicional de ensino que enaltece os aspectos físicos em detrimento de aspectos sociais.

Nessa direção, Pereira (1996, p. 48) adverte que essa situação ainda persiste, pois, “muitos professores de geografia continuam presos à “descrição dos fenômenos, sobretudo ‘físicos’ e paisagísticos,” sem levar em consideração a proposição da geografia crítica na análise e na construção de novos conhecimentos pelos alunos.”

Na transcrição acima, o autor critica a continuidade na escola e na sala de aula da persistência do uso de métodos próprios da Geografia Tradicional em detrimento da adoção de uma metodologia centrada na corrente crítica da Geografia.

Sobre esse aspecto é possível pensar que, se considerarmos a preponderância dos aspectos físicos da Geografia no âmbito escolar como uma face do modelo tradicional de ensino, considera-se também que esta visão esteja relacionada, entre outros fatores, como um desdobramento do modelo curricular adotado nos cursos formadores. Uma das causas para esse desdobramento curricular pode dar-se pela própria forma como os cursos formadores estão estruturados. De um lado, muitos



cursos habilitam ao mesmo tempo, o docente e o geógrafo, sendo, às vezes, atribuída maior atenção para esta habilitação. De outro, é comum a presença de geógrafos que, por falta de opção no mercado de trabalho, se encaminham para atividades docentes. Tem-se, dessa forma, enorme possibilidade de uma atuação docente mais direcionada para uma Geográfica que valoriza mais o estudo dos aspectos físicos.

No sentido de atualidade, a Geografia é percebida como uma ciência informativa que, de maneira geral, informa sobre o que acontece no mundo: países e cidades, sobre o comportamento e o cotidiano das pessoas, como matéria fundamental para aprender os modos, a cultura e as artes.

A percepção da Geografia como estudo da atualidade, no sentido do cotidiano, também se mostrou muito representativa e sugere mais atenção docente em relação à concepção de geografia que chega até a sala aula. Nessa linha, por um lado, pensar o ensino alicerçado em acontecimentos do dia a dia, transformar assuntos cotidianos em atualidades geográficas, no sentido acadêmico, pode ser didaticamente perigoso se essa atividade não for resguardada por algumas precauções didáticas no sentido de transformá-las em conteúdo de ensino. Por outro, a discussão em torno de acontecimentos diários, veiculados nos meios de comunicação, é salutar e pode ser uma forma de manter viva a aula em direção ao exercício da leitura crítica da realidade. Todavia, inserir temas como a violência urbana, o turismo, a educação sexual, a diversidade cultural, entre outros, que permeiam o contexto da sociedade em todas as escalas geográficas, necessitam de estudo e planejamento.

Com base na percepção de Geografia pensada como atualidade e levando-se em consideração que o ensino da Geografia em si é em potencial capaz de contribuir para uma leitura mais dinâmica do mundo, e considerando as falas dos pesquisados, é possível num primeiro momento inferir a ideia de um trabalho docente pautado na concepção crítica de geografia. Entretanto, esta possibilidade torna-se apenas aparente, pois nesta concepção o conhecimento se dá a partir da realidade, porém esta mesma realidade precisa ser transformada em fonte produtora de conhecimento, isto é, é necessário que os acontecimentos sociais, a questão econômica, por exemplo, sejam problematizados de modo que haja uma ligação entre eles e a ciência geográfica.



Dito de outra forma, tratar de questões sociais e econômicas da atualidade, em sala de aula, pode ser uma possibilidade de tornar o conteúdo das aulas mais atrativo, porém, o tratamento de questões dessa natureza requer uma conduta mais epistemológica, de modo a transformá-las em fonte produtora de conhecimento. É preciso, então, encontrar o viés metodológico capaz de subsidiar e assegurar científica e didaticamente o compromisso na compreensão geográfica dessas questões.

No sentido de Meio Ambiente, a Geografia é a ciência que estuda a natureza e os ecossistemas; que ajuda a avaliar as mudanças que ocorrem no planeta, tais como os fenômenos da natureza, a devastação, os seres vivos, o meio ambiente.

Em relação ao meio ambiente, a questão central recai sobre a forma como essa temática permeia o ensino da geografia na escola. Assim sendo, torna-se necessário esclarecer que a temática ambiental, seja como estudo do meio ambiente seja como educação ambiental, não pode ser tratada como ensino da Geografia em si, mas como um componente que, ao permear o contexto educativo da geografia, proporciona conhecimentos e saberes específicos do campo ambiental e institui uma relação dialógica direta com a produção e a transformação do espaço geográfico.

A natureza, relacionada ao estudo do meio, sempre esteve presente no imaginário geográfico, contudo, a concepção de Geografia no sentido de meio ambiente, percebida com clareza pelos pesquisados, demonstra que o estudo da temática ambiental distancia-se cada vez mais da concepção tradicional, na qual sociedade e natureza eram vistas como polos excludentes. O que antes representava apenas o ambiente natural, passivo, receptáculo da construção do espaço geográfico é, agora, percebido como *lócus* de inúmeros estudos geográficos.

A maneira como a questão ambiental é tratada na atualidade pela Geografia acadêmica se deve, sobretudo, à considerável produção acadêmica nesse campo o que vem permitindo a Geografia transformar a relação sociedade X natureza, em uma relação dialógica, na qual a natureza é entendida como espaço geográfico.

No âmbito da educação escolar, a inserção obrigatória dessa temática no currículo, sob a denominação de educação ambiental, expressa considerável e qualitativo avanço teórico-metodológico a ponto de, os capítulos finais, geralmente de livros de Biologia, e raramente de Geografia ser transferido para os capítulos



iniciais dos livros didáticos, tornando-se, em muitos casos o fio condutor no ensino e na produção do conhecimento geográfico.

Como a ciência que estuda a população e o comportamento humano, a Geografia é percebida através dos aspectos demográficos dos países, cidades, estados, e da economia.

Apesar dessas indicações notou-se a ausência de detalhes que pudessem clarificar melhor a questão.

A observação em livros didáticos de geografia sobre o estudo da população demonstrou que, de modo geral os conteúdos que tratam do tema estão mais relacionados à distribuição espacial da população, a estrutura etária por gênero, a população ativa e inativa, e a alguns aspectos da população economicamente ativa que atuam no terceiro setor da economia.

Observou-se também que em algumas edições mais recentes estão sendo acrescentadas ao estudo da população, entre outras, questões sociais das grandes cidades nas quais são enfocadas a precariedade dos meios de transportes, a violência urbana, a distribuição da água, energia, os movimentos sociais, a questão ambiental e a crescente urbanização, como temáticas que tendem a dar mais clareza à leitura geográfica da atualidade.

A Geografia, no sentido de Espaço foi relacionada como a ciência que estuda o espaço e o espaço geográfico, incluindo-se o espaço habitado: as cidades, os prédios; o espaço, a agricultura, as matas e os demais componentes terrestres.

A percepção da Geografia no sentido de espaço apresenta-se ora como uma categoria indeterminada do espaço, indicada pelos pesquisados como espaço natural e, como espaço modificado pelas atividades humanas. Como espaço natural, as respostas indicaram apenas o espaço onde existem as matas, o que permite inferir certo desconhecimento do espaço como conceito de análise geográfica. Já o espaço geográfico foi mais enfatizado como o espaço habitado, o espaço da agricultura, o espaço das cidades, incluídos os prédios, as casas e outras construções.

A associação espaço geográfico/cultural foi mais representado pelas construções de locais de vivências humanas (habitação, tipos de habitação e outros espaços transformados), construídos para as diversas atividades econômicas e de lazer.



Considera-se que as percepções de espaço geográfico apresentadas resultam da ação docente melhor elaborada e melhor apreendida pelos alunos, o que de certa forma, indica que o conceito de espaço vem sendo trabalhado na sala de aula.

No sentido de universo, os pesquisados veem a Geografia como a ciência que estuda tudo o que tem a ver com o universo, como a matéria que facilita entender toda a complexidade e os fenômenos naturais do universo e tudo que há no espaço, como os vários tipos de conhecimentos geográficos.

O termo universo corresponde a diferentes categorias de análises, seja para fazer referência a uma totalidade ou para referir-se a pequenos grupos, quando integrantes de pesquisa, por exemplo. Na ciência geográfica e no seu ensino escolar, o termo universo está relacionado ao estudo do espaço cósmico composto pelas galáxias, pelos sistemas solares, pelos planetas e por todos os corpos celestes, vistos ou não sem a ajuda de aparatos tecnológicos. De modo geral, este tema correspondia às primeiras unidades dos livros didáticos até mais ou menos a década de 1980. Embora universo enquanto temática de estudo venha diminuindo nas relações dos conteúdos da geografia, ainda é possível encontrá-lo em alguns livros didáticos. Entretanto, com a nova concepção de ensino da Geografia no contexto da política educacional brasileira, as unidades didáticas sobre esse tema vêm gradativamente sendo retiradas dos livros didáticos.

Como a ciência que estuda a formação da cidadania, a Geografia foi pensada como uma matéria que ajuda na formação das pessoas, principalmente sobre os direitos e deveres.

A percepção de Geografia no sentido de formação da cidadania foi a que menos mereceu considerações por parte dos respondentes, pelo menos se considerada separadamente, porém permeou todo o contexto das demais percepções geográficas demonstradas.

A noção de cidadania seja na educação de modo geral, seja no ensino da Geografia só tem sentido pela contribuição social para a formação integral do indivíduo. Como “*a noção de cidadania envolve o sentido que se tem do lugar e do espaço, já que se trata da materialização de todas as ordens, próximas ou distantes*” (DAMIANI, 1999: p. 50), é possível pensar a importância da Geografia na construção da cidadania. Essa construção se dá a partir da inclusão de temas geradores de discussões da realidade social excludente que permitam ao aluno transitar entre o



local e o global na compreensão de questões que envolvem os grupos humanos, com seus desenvolvimentos e retrocessos, próprios de cada grupo. Importante é a analogia que permitirá o posicionamento do “eu” na percepção do contexto social. É esse movimento dialético que permitirá ao professor atuar e acrescentar novos conhecimentos que a ciência geográfica se propõe a ensinar.

A percepção cotidiana da geografia

Para essa questão, parte-se do pressuposto e do conhecimento de que todas as ciências e saberes estão presentes no dia-a-dia de todas as pessoas e que a geografia, assim como todas as outras ciências, faz parte desse cotidiano.

De maneira geral, essa questão demonstrou que os pesquisados apresentaram certa conectividade com os conhecimentos geográficos apreendidos. As respostas foram agrupadas em categorias representadas por um conjunto de elementos geográficos, que correspondem a: Construção (casa, escola, edifícios e outros lugares, etc...); Direção/Localização (placas, propagandas, nome de ruas, bairros, caminho de casa para a escola); População (cidades, guerras, mortalidade, natalidade, IDH); Aspectos Físicos (rochas, solos, relevo, água, clima; temperatura do ar, paisagens, umidade do ar, tempo nublado, árvores, ventos, terremotos, oceanos e mares); Fenômenos da natureza (aquecimento global; florestas, mudanças de temperatura, efeitos causados pela natureza, previsão do tempo, clima da cidade, desmatamentos, terremotos e vulcões); Transporte (meios de transportes, evolução da tecnologia, meios de comunicação, cartografia, mapas); Economia (agropecuária, TV, rádio, política, comércio, campos).

As respostas permitiram conhecer como os alunos percebem e relacionam a geografia em seus cotidianos e como são diversos os relacionamentos indivíduo/geografia. Essa diversidade geográfica lembra a letra da música “águas de março” de Tom Jobim, a qual retrata, pela abordagem poética, transtornos causados pelas chuvas torrenciais e abundantes no fim do verão carioca, percebidos e vivenciados por todos, daquele contexto.

Na opinião de Kaercher (1999, p.15), “a geografia é feita no dia-a-dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura [...]. Em nossas andanças individuais pela cidade (pegar ônibus, fazer compras, etc.).”



Em suma, a geografia é a dinamicidade do movimento de construção do espaço geográfico. É a cidade e o traçado das ruas, as construções dão a diversidade da forma, são as pessoas, os veículos, os rios, os córregos, o vento, a chuva. Geografia é o conjunto no qual se configuram aspectos naturais, sociais, políticos, ideológicos e culturais que se movimentam na paisagem, no lugar, na região, no território, nas redes.

Perspectivas em relação à aprendizagem da geografia

As respostas em relação à perspectiva da aprendizagem da Geografia foram de certa forma, unânimes, indicando preferências como: aula prática, pesquisa de campo, utilização de tecnologia em sala de aula, aulas mais dinâmicas e lúdicas.

A indicação para aulas práticas foram maioria e apontaram a necessidade das aulas serem ministradas fora do espaço da sala, que permitisse entender o que realmente a geografia ensina. Apontaram também o uso de laboratório onde, por meio de experiências, fosse possível observar, aprender e explicar os fenômenos geográficos.

As aulas de campo, na opinião dos pesquisados, poderiam ser utilizadas para o estudo do meio, priorizando visitas a lugares diferentes para observar as belezas naturais, as florestas, tipos de vegetação, o clima e sítios arqueológicos, de modo a contemplar questões estudadas nas aulas teóricas.

Em relação ao uso de tecnologia em sala de aula, foi indicado o Datashow, o computador, a *internet*, os vídeos em 3D, mapas e globos.

As preferências para aulas mais dinâmicas e lúdicas apontaram a necessidade de aulas mais divertidas e ao mesmo tempo rígidas, diferentes do padrão. Sugeriram a necessidade da leitura de revistas, livros e palestras sobre o meio ambiente.

No livro *Dez Novas Competências para Ensinar*, Perrenoud (2000) explicita a importância dessas competências³ para aqueles que se dedicam ao trabalho de formação de professores e, de modo geral, à formação dos alunos na educação básica. Dentre as competências abordadas na obra, destaca-se para o objetivo da questão em apreço, a indicada no capítulo primeiro: Organizar e dirigir situações de

³ Conferir: PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.



aprendizagem. Partindo desse enunciado como uma competência geral, são discutidas pelo autor cinco competências básicas que professores de todas as áreas deveriam levar em consideração, são elas:

a) Conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem.

Dentre as muitas interpretações que esta competência pode suscitar, chamo a atenção para a necessidade docente de reconhecer que para ser professor já não basta apenas ser portador de um diploma universitário; é necessário ter um conhecimento mais sólido de sua própria disciplina, dos conteúdos, das metodologias, dos recursos didáticos, além do conhecimento de outras áreas que fornecem subsídios para compreensão e que possibilita uma prática docente mais dinâmica.

Em suma, para ser professor não é mais suficiente apenas saber a matéria, é necessário avançar no conhecimento didático-pedagógico, na busca de possibilidades que permitam entender a relação da área de conhecimento do professor com as outras áreas suportes para que aconteça, de fato, o ensino e a aprendizagem.

b) Trabalhar a partir das representações dos alunos.

Conhecer o que os alunos já sabem a respeito da disciplina e do conteúdo a ser ministrado auxilia o professor a encontrar meios e instrumentos didáticos mais eficazes que o ajudarão na tarefa docente e conseqüentemente permitirão aos discentes, melhor aprendizado.

c) Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.

O próprio Perrenoud (2000, p. 36), ao explicitar a necessidade de desenvolvimento desta competência docente, afirma que os alunos “já aprenderam as mazelas do ofício de professor [...] e refletem muito depressa, esgotando em cinco minutos uma adivinhação de jogos televisivos.” Essa perspicácia estudantil o leva a propor que é “preciso envolvê-los em uma atividade de uma certa importância e de uma certa duração” (idem).

Essa competência não está relacionada como algo exclusivamente docente, mas que precisa ser desenvolvida na prática docente com objetivos da formação crítica do aluno. Como adverte Somma (1999, p. 162) “a capacidade crítica [...] é



fruto de uma formação, de um caminhar educativo. O hábito mental de atitude crítica é um modo de ser, de sentir e pensar adquirido.” Pensa-se dessa forma, que o envolvimento docente-discente na construção da competência da pesquisa e do descobrimento do mundo pressupõe algumas palavras sobre a questão metodológica no ensino da Geografia.

Há interpretações diferentes em relação ao uso de metodologias e de técnicas na educação. Existem aquelas que as vêem como uma espécie de mágica, capaz de dar conta do ensino em todas as situações de aprendizagem, entretanto, há também, os que acreditam que, se as metodologias e as técnicas de ensino não são chaves mágicas, sem elas, certamente, a aprendizagem terá maiores dificuldades para acontecer. Para Libâneo (1994, p. 149) “o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos pelo estudo da matéria. [...] conjuga objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino”.

No ensino da geografia, como nas demais disciplinas escolares, a questão metodológica assume especial importância. As metodologias e as técnicas de ensino são aqui identificadas sob dois grupos: no primeiro, estão aquelas de uso geral, aplicadas em diferentes situações de ensino; entre elas, o estudo em grupo, as leituras individuais e coletivas, as discussões, os trabalhos individuais, os projetos, solução-problema, a pesquisa. No segundo grupo, se enquadram as mais específicas da ciência geográfica que se direcionam para o estudo do solo, do clima, da vegetação, da água.

Cabe acrescentar que a importância da questão metodológica para o processo de ensino não se dá apenas pela facilidade e conforto que proporciona ao trabalho docente, mas, sobretudo, pelo aprendizado no manuseio dos aparatos técnicos e procedimentos utilizados.

Considerações finais

A prática pedagógica deve ser uma prática social, uma construção didática cotidiana, com aportes teóricos e metodológicos, pela qual o professor orienta-se e orienta a aprendizagem. São as práticas docentes, no caso particular do ensino da Geografia na escola de educação básica, que em última instância são apontadas pelo sucesso ou pelo insucesso da aprendizagem.



Na perspectiva da pesquisa de representação social e tendo em vista os objetivos traçados para este trabalho, considera-se que, apesar das limitações das análises apresentadas, tais objetivos foram parcialmente alcançados, sendo possível afirmar que:

a) As percepções que os alunos apresentaram demonstram a compreensão de uma geografia científica, mas com sentidos diversos, resultante talvez da diversidade temática trabalhada por essa disciplina no contexto da sala de aula.

b) As percepções sobre os aspectos físicos foram mais numerosas que os aspectos sociais.

Essa tendência pode ser resultante de variáveis como as próprias práticas docentes, o modelo curricular e o livro didático adotado pela escola, variáveis não analisadas neste trabalho, mas também, pode ser atribuída às preferências individuais dos alunos, ou, resultar da soma dessas variáveis.

c) Em relação à percepção cotidiana da geografia, demonstraram conhecimento e maturidade, pois ao relacionar a geografia ao dia-a-dia, percebem a dinâmica do próprio espaço geográfico.

d) Sobre as aspirações da aprendizagem da Geografia foram apontadas críticas em relação aos métodos de ensino utilizados e indicações do modo como gostariam de estudar e aprender. Se tais indicações forem observadas pelos docentes podem redimensionar a maneira de ensinar e de aprender.

Ressalta-se aqui a importância da pesquisa escolar na educação docente que, por constituir um recurso científico e educativo, possibilitar maior conhecimento dos problemas educativos vivenciados pela prática escolar diária e, ao mesmo tempo, permite identificar caminhos para vencê-los.

Ressalta-se ainda, a contribuição da pesquisa escolar pela abordagem das representações sociais, no ensino da Geografia, para o levantamento de problemas de ensino e de aprendizagem, da identificação e análise de questões sociais locais, entre outros, como recurso didático para prática docente.

Finalmente, destaca-se o quanto ainda é preciso avançar no campo do ensino da Geografia nos níveis fundamental e médio, tendo em vista, redimensionar práticas pedagógicas, de modo a atender as necessidades básicas dos estudantes em relação às suas aprendizagens.



Espera-se, dessa forma, que o presente artigo possa contribuir para dinamizar o processo reflexivo de educação docente e possibilitar melhor compreensão da relação entre educação e ensino da geografia. Espera-se, ainda, contribuir para que o processo de pesquisa educacional no ensino escolar da geografia possa merecer maior atenção dos professores dessa disciplina no alcance das aspirações discentes em relação as suas aprendizagens.

Referências

ANDRADE, Manoel C. *Geografia, ciência da sociedade*. Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena história crítica*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias*. São Paulo: Contexto, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e Construção de Conhecimento*. Campinas-SP: Papirus, 1998.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. POSTUSCHKA, Nídia Nacib.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (orgs.). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KIMURA, Shoko. *A Geografia no Ensino Básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Diamantino. Geografia Escolar: Uma Questão de Identidade. In: *Cadernos CEDES nº 39*. Ensino de Geografia. Campinas-SP: Papirus, 1996.

LEFEBVRE, H. *La presencia y la ausencia – contribución a la teoría de las representaciones*. México, Fondo de Cultura Económica, 1983.

LIBANEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena história crítica*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

MOURA, Jeani Delgado Pascoal; ALVES, José. Pressupostos teórico-metodológicos sobre ensino de geografia: elementos para a prática educativa. In: *Geografia*. Vol. II, n. 2, Jul/Dez. 2002.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.



PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artemed, 2000.

SOMMA, Miguel Ligüera. Alguns problemas metodológicos no ensino da geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, CALLAI, ELENA Copetti, SCHÄFFER, Neiva Otero (orgs.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa e educação de professores. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs.). *Geografia em Perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.